

Verbos modais “dever” e “ter que” no português de Helvécia (BA)

Modal verbs “dever” and “ter que” in Brazilian Portuguese spoken in Helvécia (Bahia)

Rerisson Cavalcante*
Ana Beatriz Fonseca Santos**

RESUMO

Este trabalho descreve a expressão da necessidade modal através de verbos auxiliares no dialeto rural, formado por afrodescendentes, de Helvécia (BA). O foco é na descrição do comportamento dos auxiliares *dever* e *ter que* em diversos contextos modais, a saber: epistêmico, deontico, dinâmico, teleológico e bulético. A hipótese que procuramos verificar é a de que, apesar de ainda estarem em variação em alguns contextos, os dois auxiliares têm se especializado para contextos modais distintos (cf. Scarduelli, 2011; Pessoto, 2014), com *dever* expressando majoritariamente modalidade epistêmica e *ter que* expressando as modalidades não-epistêmicas. Também analisamos a distribuição por faixas etárias, para verificar se os dois auxiliares se encontram em variação estável ou mudança em progresso. O corpus analisado é de entrevistas do Projeto Vertentes, que reúne entrevistas sociolinguísticas de comunidades rurais e urbanas do estado da Bahia.

Palavras-chave: necessidade modal, verbos auxiliares, português afrobrasileiro.

Recebido em 14 de junho de 2025.

Aceito em 16 de outubro de 2025.

DOL: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n70.1487>

* Universidade Federal da Bahia, rerissoncavalcante@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7255-5422>

** Universidade Federal da Bahia, nabiafs24@gmail.com

ABSTRACT

This paper describes the expression of modal necessity through auxiliary verbs in the rural dialect, formed by Afro-descendants, of Helvécia (state of Bahia, Brazil). The focus is on describing the behavior of the auxiliaries *dever* (‘should’) and *ter que* (‘have to’) in various modal contexts (cf. Scardueli, 2011; Pessoto, 2014), namely: epistemic, deontic, dynamic, teleological and bouletic. The hypothesis we seek to verify is that, despite still being in variation in some contexts, the two auxiliaries have specialized for distinct modal contexts, with *dever* expressing mostly epistemic modality and *ter que* expressing non-epistemic modalities. We also analyzed the distribution by age groups, to verify whether the two auxiliaries are in stable variation or changing in progress. The corpus analyzed is of interviews from the Vertentes Project, which gathers sociolinguistic interviews of rural and urban communities in the state of Bahia.

Key-words: modal necessity, auxiliary verbs, Afro-Brazilian Portuguese.

1 Introdução

Neste artigo, analisamos a variação entre verbos modais de necessidade (*dever* e *ter que*) em diferentes contextos modais, na fala de moradores da comunidade rural de Helvécia, Bahia, através de dados do Projeto Vertentes. O trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla de descrição do comportamento de auxiliares modais no português baiano, comparando dialetos rurais e urbanos.

O verbo *dever* e a lexia verbal *ter que*, com o valor modal, podem alternar entre si em diversos contextos, como em (1), em que, a princípio, apresentam o mesmo valor de verdade, mas, em outros casos, a troca de um item pelo outro não soa adequada, como em (2), ou gera uma diferença de interpretação, como em (3).

- (1) a. Os filhos *devem* obedecer aos pais.
b. Os filhos *têm que* obedecer aos pais.
- (2) Se João está atrasado,
 - a. ele *deve* estar preso num engarrafamento.
 - b. #ele *tem que* estar preso no engarrafamento.

- (3) a. João *deve* saber esse assunto. (= é provável que ele saiba)
b. João *tem que* saber esse assunto. (= ele é obrigado a saber)

Em (2a), o modal *deve* faz com que a proposição prejacente ‘*João está preso num engarrafamento*’ seja apresentada como uma situação provável diante das circunstâncias sabidas. Já a sentença (2b) soa como inadequada no contexto, pois a presença de *ter que* não gera uma interpretação de especulação sobre a situação de João, tal como em (2a), mas sim de uma obrigação, que é difícil de imaginar no contexto.¹

Algo semelhante ocorre no par de exemplos em (3). Em (3a), o verbo *deve* faz com que a proposição prejacente ‘*João sabe esse assunto*’ seja apresentada como uma conclusão provável diante dos fatos conhecidos, enquanto em (3b) o uso de *ter que* apresenta essa mesma proposição como uma obrigação de João. Mas, neste caso, essa interpretação de obrigação em (3b) é mais plausível do que em (2b).

O objetivo da presente pesquisa é fazer uma análise do comportamento desses dois verbos em diferentes contextos modais, de modo a contribuir para uma descrição do sistema modal do português brasileiro (PB). A hipótese que assumimos, baseada em Scarduelli (2011), Pessoto (2014) e outros, é que, ao invés de uma situação de variação linguística estrita, estes verbos passam/passaram por um processo de especialização em diversos dialetos do PB, com as formas presentes de *dever* ocorrendo majoritariamente em contextos epistêmicos, as formas de pretérito imperfeito (i.e., *devia*, etc) e futuro do pretérito do mesmo verbo (*deveria* etc) aparecendo em contextos deônticos e a lexia verbal *ter que* ocorrendo majoritariamente em diversos contextos não-epistêmicos.

1 Ainda assim, a interpretação é possível, dado algum cenário apropriado: “*Segundo as instruções do roteiro do filme, nesta cena, o personagem João tem que estar preso num engarrafamento*”. Nesse tipo de contexto, porém, a interpretação é do tipo deôntico, como veremos na seção 2.

Para isso, conjugamos aspectos teóricos da semântica formal, na delimitação dos contextos semânticos analisados, e da sociolinguística, na análise quantitativa dos dados a partir de um corpus de amostras de fala vernácula. Os resultados, como veremos adiante, confirmam parcialmente a hipótese.

O texto está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentamos os conceitos de modalidade, força modal e contextos modais e os principais aspectos do comportamento de *dever* e *ter que*; na seção 3, descrevemos a metodologia adotada na pesquisa; na seção 4, são apresentados os resultados da análise dos dados, levando em consideração os tipos modais e também uma variável social, a faixa etária; na seção 5, apresentamos as conclusões do estudo.

2. Modalidade, força modal e tipos modais

A concepção de modalidade que adotamos neste trabalho é a de autores como Kratzer (1977, 1981), von Stechow (2006), Portner (2009) dentre outros. Trata-se de uma categoria gramatical que expressa noções de possibilidade e necessidade, permitindo referir-se a situações que não estão presentes no mundo real e imediato. Ela permite ao falante referir-se a diferentes dimensões do mundo possível, como ao opinar sobre uma situação ou fazer proposições que expressam hipóteses, julgamentos e eventos cujo *status* não é conhecido. Ela se manifesta nas sentenças por meio de verbos auxiliares, morfemas, adjetivos e advérbios.

A modalidade se apresenta na forma de tipos modais diferentes e de forças modais distintas. Quanto aos **tipos modais**, temos cinco categorias principais: epistêmica, deôntica, dinâmica/circunstancial, teleológica e bulética/bulomática (von Stechow, 2006; Kratzer, 1977; cf. também Palmer, 2001; Pessoto, 2014). Quanto à **força modal**, assume-se que os itens modais expressam ou possibilidade ou necessidade.

A **modalidade deôntica** expressa noções de possibilidade e necessidade relativas a restrições ou condicionamentos externos ao falante, como um sistema legal, moral ou qualquer forma de autoridade. Ou seja, expressa permissão, obrigação e proibição. Isso pode ser observado no contraste entre a sentença não-modal em (4) e as sentenças em (5), indicando possibilidades e necessidades deônticas. O exemplo com o verbo *poder* foi acrescentado para ilustrar melhor o funcionamento dos modais.

(4) Os pesquisadores publicam artigos na revista XYZ. (sentença não-modal)

(5) Pelas regras da Pós-Graduação...

a. Os pesquisadores **podem** publicar artigos na revista XYZ. (possibilidade deôntica)

b. Os pesquisadores **devem** publicar artigos na revista XYZ. (necessidade deôntica)

c. Os pesquisadores **têm que** publicar artigos na revista XYZ. (necessidade deôntica)

No exemplo em (5a), o modal *poder* expressa a ideia de que publicar artigos na revista XYZ é algo permitido aos pesquisadores. Já em (5b) e (5c), temos a ideia de que publicar artigos na revista XYZ é algo obrigatório aos pesquisadores.² Nesse contexto, *dever* e *ter que* expressam o mesmo valor modal, ambos indicando necessidade, que, no contexto deôntico, pode ser

2 O leitor pode notar que, dado um contexto discursivo diferente, estas mesmas sentenças em (5) poderiam ter interpretações não-deônticas, ou seja, não relacionadas a regras e autoridade. Por exemplo, num contexto em que os interlocutores estejam se perguntando sobre quais revistas estão com submissões em aberto, (5a) não seria a descrição de uma permissão, mas de uma potencialidade ainda em aberto diante das circunstâncias, o que corresponde à modalidade circunstancial ou dinâmico-circunstancial, a ser vista adiante.

parafraseada como uma obrigação.³ *Dever* e *ter que*, portanto, estão em covariação estrita⁴, numa visão sociolinguística (cf. Labov, 1972).

Veremos adiante que isso não ocorre em todos os contextos modais.

A **modalidade epistêmica** expressa julgamentos sobre o caráter factual de uma proposição, isto é, sobre sua veracidade, com base em informações disponíveis ao falante. Por exemplo, a partir de uma sentença como em (6), o acréscimo de verbos auxiliares modais como *poder*, *dever* e *ter que* como em (7) indica a possibilidade, probabilidade ou necessidade de (6) ser verdadeira ou falsa a partir dos fatos disponíveis.

(6) Bruna está dormindo. (sentença não-modal)

(7) Pelo que eu sei, a esta hora da noite...

- a. Bruna **pode** estar dormindo. (possibilidade epistêmica)
- b. Bruna **deve** estar dormindo. (necessidade epistêmica)
- c. Bruna **tem que** estar dormindo.⁵ (necessidade epistêmica)

A sentença em (7a) é interpretada como ‘*que Bruna está dormindo é uma conclusão possível*’ a partir dos conhecimentos do falante sobre a situação; (7b) é interpretada como ‘*que Bruna está dormindo é uma conclusão provável*’. Mas (7c) não se comporta como (7b), ao contrário do que ocorre

3 É importante a observação de que “obrigação” e “permissão” são apenas os termos específicos para necessidade e possibilidade num contexto deontico. Não são noções distintas dos conceitos de necessidade e de possibilidade, como alguns trabalhos às vezes parecem usar tais termos.

4 Scardueli (2011) e outros autores, porém, apontam que *ter que* pode ser usado para reforçar o *dever*, como em contrastes como “*não só deve, como tem que fazer isso*”.

5 Considere-se o seguinte contexto: Alguém quer visitar Bruna. Chega à casa desta, toca a campainha diversas vezes, mas ninguém atende. O carro dela está na frente da casa. O falante então supõe que, pelo horário e pelas demais informações, isto é, pelas evidências disponíveis, ela só pode estar dormindo. Logo, “para não ter atendido a porta, Bruna **tem que/deve** estar dormindo!”.

em (5b) e (5c) e ao contrário do que prevê a hipótese de variação entre *dever* e *ter que*. A sentença em (7c) pode ter duas interpretações, uma epistêmica e outra não-epistêmica.

A interpretação epistêmica de (7c) corresponde a ‘*que Bruna está dormindo é a conclusão necessária*’, ou seja, ‘é a única conclusão possível’ diante das evidências, uma interpretação diferente e mais forte do que a de probabilidade, associada ao verbo *dever* em (7b). Esta interpretação, entretanto, não é a mais saliente para esta frase. A interpretação a que os falantes mais facilmente têm acesso nesse caso é deôntica, ou seja, ‘*estar dormindo é uma obrigação para Bruna*’.

Outros contextos podem tornar mais saliente a interpretação epistêmica de *ter que*, como em “*A chave **tem que** estar aqui em algum lugar. Eu estava com ela, quando eu cheguei*”, em que a proposição prejacente “*A chave está aqui*” é apresentada como a única conclusão possível a partir das evidências, e não apenas como uma conclusão apenas provável. (Voltaremos a este ponto em 4.3).

Isso mostra como o comportamento de *dever* e *ter que*, nos contextos epistêmicos, pode ser diferente do que ocorre em outros contextos modais. A esta pesquisa, interessam tanto os casos em que *dever* e *ter que* podem ocorrer livremente, como variantes equivalentes (no que tange às condições de verdade), quanto os contextos em que há diferentes leituras para cada verbo.

A **modalidade dinâmica ou circunstancial** expressa possibilidade ou necessidade em função de condicionantes internos ao indivíduo e/ou às situações, indicando, assim, noções como capacidade, habilidade, tendência ou disposição, ou seja, potencialidades intrínsecas, como em (8) e (9).

(8) Alan **pode** derrubar qualquer pessoa com apenas um soco.
(possibilidade dinâmica)

(9) a. Quem tem anemia **deve** comer alimentos ricos em ferro. (necessidade dinâmica)
b. Quem tem anemia **tem que** comer alimentos ricos em ferro.
(necessidade dinâmica)

Em (8a), temos a descrição de uma capacidade ou habilidade de Alan, não uma permissão (possibilidade deôntica) nem uma especulação sobre um estado de mundo possível (necessidade epistêmica).⁶

Notem a diferença entre dados como (8), de um lado, e dados epistêmicos como (2a) e (7a). Em (2a), não estamos falando sobre a capacidade ou habilidade de João se prender num engarrafamento. Em (7a), não estamos falando sobre a habilidade de Bruna de dormir. Estamos especulando sobre qual é o estado efetivo do mundo: Neste momento, João está num engarrafamento? É possível. Neste momento, Bruna está dormindo? É possível.

Já em (8), não estamos especulando sobre uma situação no mundo, não estamos especulando se Alan derrubou efetivamente alguém. Estamos falando do potencial que ele tem para efetuar tal ação, uma interpretação dinâmica, não epistêmica. Uma versão dinâmica de (7a) poderia ser: *“Nada atrapalha o sono de Bruna. Ela poderia dormir como um bebê até com uma banda tocando nas alturas na mesma sala”*.

E quanto aos verbos de necessidade em (9)? Primeiramente, é preciso apontar que é muito comum que a modalidade dinâmica seja descrita apenas no seu valor de capacidade (possibilidade), esquecendo-se que também existem necessidades definidas por propriedades internas da situação ou dos participantes da situação, casos em que às vezes *dever* e *ter que* podem ser parafraseados por *precisar*, como em *“Eu tenho que/preciso ir ao banheiro”* ou *“O ser humano tem que/precisa beber 2 litros de água por dia”*.

Note-se, entretanto, que alguns dos exemplos dinâmicos podem ser ambíguos entre uma leitura de necessidade intrínseca e uma de necessidade extrínseca, definida por autoridade externa. Também existe uma linha tênue entre uma especulação epistêmica sobre o status do mundo (*“João pode ter vencido a luta de ontem. Eu ainda não sei.”*) e uma declaração de

6 Quanto a isso, é possível apontar que a natureza estativa ou não-estativa do verbo da oração prejacente também contribui para a interpretação epistêmica ou não-epistêmica das sentenças modais.

potencialidades em aberto numa situação (“*João pode vencer a luta amanhã. Depende apenas dele.*”).⁷ Isso tudo pode trazer dificuldades para o tratamento desses dados.

A **modalidade teleológica** expressa necessidade ou possibilidade em relação a um objetivo específico, ou seja, um fim claramente definido, como ilustrado em (10). É a própria meta estabelecida que passa a definir que ações são possíveis ou necessárias em função dela.

(10) Para perder peso...

- a. ... a pessoa **pode** praticar musculação ou corrida. (possibilidade teleológica)
- b. ... a pessoa **deve** praticar musculação. (necessidade teleológica)
- c. ... a pessoa **tem que** praticar musculação. (necessidade teleológica)

Nos exemplos em (10), a possibilidade ou necessidade não são definidas por autoridade externa nem por condicionamentos internos, mas pelo próprio objetivo definido e, nos exemplos, expresso através da sentença adverbial de finalidade.

Por último, a **modalidade bulética ou bulemática** codifica possibilidade ou necessidade com base nos desejos ou preferências do sujeito ou do interlocutor. Assim, sentenças como (11) são ambíguas entre uma interpretação bulética (i.e., o falante tem que comprar, simplesmente porque quer comprar) ou deôntica (i.e., alguém lhe incumbiu de fazer tal compra). Apenas o contexto de uso dessa frase é que deixaria clara a interpretação específica.

(11) Eu tenho que comprar esse relógio. (necessidade bulética ou deôntica?)

7 Mesmo em relação ao passado, quando tais potencialidades não estão mais em aberto, podemos ter uma interpretação dinâmica, distinta da epistêmica, como nesse exemplo claramente contrafactivo e, portanto, não-epistêmico: “*Ele podia ter vencido a corrida*”

A interpretação bulética fica muito mais clara em (12), em que a possibilidade ou necessidade é gerada de acordo com a compatibilidade entre a proposição prejacente e as preferências do sujeito.⁸

- (12) Já que você prefere/gosta de comida italiana,
a. ... você **podia**/^o**pode** marcar o jantar na Cantina Roma.
b. ... você **devia**/^o**deve** marcar o jantar na Cantina Roma.
c. ... você **tinha que**/^o**tem que** marcar o jantar na Cantina Roma.

Nos exemplos em (12), também é possível observar que algumas formas flexionais dos verbos soam mais naturais do que outras para a expressão do valor modal em questão. Isso também será levado em conta na análise dos dados, como veremos adiante.

Não encontramos na literatura sobre o tema discussões com relação a uma diferenciação mais detalhada das modalidades bulética e teleológica, mas isso nos parece necessário, uma vez que os objetivos e metas que alguém tem podem ser vistas, ao menos em parte dos casos, como frutos dos seus desejos. Por exemplo, no cenário em (10), a meta de perder peso não seria também um desejo do sujeito?

8 Um parecerista anônimo levanta a questão sobre se tal contexto é de “desejo” ou de “gosto pessoal”. Não está claro para nós se a questão levantada pressupõe que contextos de gostos não deveriam ser considerados buléticos, mas, da forma como entendemos as definições de “desejo” nas descrições da modalidade bulética, este contexto também incluiria os casos de gosto pessoal.

Esta também parece ser a posição de Portner (2009), que apresenta como exemplos bulético (de “desire”) dados como “*Given how you love chocolate, you should try this cake. (desire)*” (p. 36). Também um dado como “*Mary should eat her broccoli*” (p. 50) para o autor, seria um caso de desejo “if we are talking about the fact that Mary loves broccoli”.

Ainda assim, temos aqui uma questão teórica interessante: em dados como (11), a sentença prejacente sob escopo do modal é o próprio objeto dos desejos ou gostos; em (12), por outro lado, o prejacente não é o objeto do desejo ou gosto em si, mas algo que se torna possível ou necessário em função de outra realidade, esta sim o objeto de desejo ou preferência.

Neste trabalho, consideramos que a modalidade bulética deve ser vista como simplesmente o que é relacionado às preferências do falante ou do sujeito, sem que este as tenha transformado em metas a serem cumpridas. Assim, por exemplo, em “*Já que você gosta de vinho branco, deveria provar um pouco dessa garrafa que eu trouxe hoje*”, a necessidade de provar de certo vinho deriva apenas das preferências do ouvinte, não de haver uma meta específica com relação a isso.

No cenário em (12), temos casos de modalidade bulética, assumindo que o interlocutor não tinha a meta de ir jantar necessariamente num restaurante italiano. Ele poderia até ter uma meta de marcar um jantar em algum restaurante, mas a possibilidade ou necessidade de marcar especificamente na Cantina Roma são definidas pelos gostos do interlocutor.

Os exemplos de (4) a (12) mostram que há contextos em que *dever* e *ter que* parecem variar, com a mesma interpretação⁹, e outros em que os dois modais não são exatamente equivalentes; e que mesmo nos contextos em que eles estão em variação pode haver um dos verbos ou mesmo uma de suas flexões específicas que é preferível.

Esta pesquisa quer identificar tanto os casos em que, no dialeto em análise, há covariação entre os verbos modais de necessidade quanto

9 Obviamente, quando dizemos “mesma interpretação”, estamos fazendo uma aproximação, já que as línguas tendem fortemente a não possuir sinônimos perfeitos. Termos com o mesmo significado denotativo podem expressar diferenças de intensidade, como, por exemplo, apontou um revisor anônimo. Em alguns casos, *dever* e *ter que* podem ter tal diferença, como já aponta Scarduelli (2011) em exemplos como “*você não só deve, como tem que fazer isso*”, em que há um claro contraste entre as formas. O ponto importante para o presente trabalho é quando tais diferenças, além de não afetarem as condições de verdade da sentença, podem ser neutralizadas.

os contextos em que eles assumem valores diferentes. Na próxima seção, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa.

3. Metodologia

Diante do quadro ilustrado brevemente na seção anterior, este trabalho tem como foco a descrição do comportamento dos verbos modais de necessidade em uma comunidade rural afrobrasileira do interior da Bahia, a comunidade de Helvécia, município de Nova Viçosa, extremo sul da Bahia.

A comunidade de Helvécia é relativamente conhecida na literatura linguística e sociolinguística brasileira, uma vez que a descoberta desse dialeto e a sua descrição está ligada às hipóteses sobre influências do contato entre línguas na formação do português brasileiro (cf. Ferreira, 1984; Lucchesi, Baxter, Ribeiro, 2009, p. 27-74). A escolha dessa comunidade permite, assim, examinarmos o comportamento dos modais num dialeto com menos influência de escolarização e da urbanização, permitindo uma futura comparação com o comportamento de outros dialetos rurais e urbanos.

Para este trabalho, foi utilizado o *corpus* que pertence ao conjunto de entrevistas do *Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-brasileiro do Estado da Bahia* (cf. Lucchesi, 2009, p.155-164), elaborado pelo *Projeto Vertentes*, da Universidade Federal da Bahia. Foram analisados seis inquéritos formados por entrevistas sociolinguísticas de caráter informal, realizadas na comunidade rural de Helvécia (BA) em dezembro de 1994.

Helvécia é conhecida como “o povoado dos negros” (cf. Doninelli, 2017) por ser formada por muitas comunidades quilombolas e africanas. Ela é marcada por ter surgido em meio ao cultivo e exportação cafeeira no séc. XIX, estabelecida por colonos franceses, alemães e suíços, que se utilizavam de um considerável número de mão de obra escrava africana. E, mesmo após a abolição da escravidão, muitos ex-escravos permaneceram ali, enquanto os colonos se dispersaram. Portanto, devido à formação cultural e étnica da população de Helvécia, o dialeto desses falantes carregaria, por hipótese,

várias particularidades no PB, principalmente, no que diz respeito à influência de línguas africanas.

Quanto às entrevistas escolhidas para essa análise, elas estão estratificadas por sexo e idade, divididas em faixa etárias. Faixa 1: de 28 a 39 anos com dois informantes; faixa 2: de 42 a 60 anos com dois informantes; faixa 3: mais de 60 anos com dois informantes. Além disso, há também o controle do nível de escolaridade, com a distinção entre analfabetos e semianalfabetos.

A partir das transcrições grafemáticas dos áudios das entrevistas, foi possível levantar dados das ocorrências dos auxiliares modais, cuja classificação foi realizada segundo a modalidade expressa.

Além da variação entre *dever* e *ter que*, o trabalho também tem o objetivo de verificar a hipótese da especialização das formas flexionais de *dever* para diferentes contextos modais, a saber, as formas do presente do indicativo (*devo, deve...*) para os contextos epistêmicos e as formas do pretérito imperfeito e futuro do pretérito (*devia, deveria...*) para os contextos não-epistêmicos, como exemplificado em (13), de acordo com a hipótese de Scarduelli (2011).

- (13) a. Amanda **devia** estar estudando para a prova. (necessidade deôntica)
= ‘Amanda tinha a obrigação de estudar para a prova’
b. Amanda **deve** estar estudando para a prova. (necessidade epistêmica)
= ‘é provável que Amanda esteja estudando para a prova’

Na próxima seção, apresentamos os resultados encontrados.

4 Resultados

4.1 Visão geral do *corpus*

Foram catalogados dados de seis inquéritos, totalizando 177 sentenças com auxiliares modais no corpus de Helvécia (BA). Neste artigo, trataremos apenas dos modais de necessidade, *dever* e *ter que*, que ocorreram num total

de 90 sentenças. Conforme mostra a Tabela 1, *ter que* foi muito mais frequente no corpus do que *dever*, ocorrendo 75 vezes, o equivalente a 83,3% dos dados. *Dever* ocorreu apenas 15 vezes, 16,7% dos dados.

Tabela 1: Verbos modais de necessidade na comunidade de Helvécia (BA)

Modais de necessidade		Total
Dever	Ter que	
15 16,7%	75 83,3%	90 100%

Fonte: própria

A baixa frequência de *dever* é ainda mais significativa se considerarmos que este verbo é a variante mais antiga do português, o que indica que este modal perdeu muito espaço para a forma concorrente *ter que*.

Esse resultado se apresenta semelhante ao de outros trabalhos com *corpora* do PB do final do século XX e começo do século XXI.¹⁰ Gonçalves e Cavalcante (2020) encontraram, na comunidade rural afro de Sapé, município de Valença (BA), nove dados de *dever* e 94 de *ter que*, uma diferença de 8,7% versus 91,3%, respectivamente. Já na comunidade de Rio de Contas, Cavalcante e Gonçalves (2024) encontraram 12 dados de *dever* e 78 de *ter que*, o equivalente a 13,4% e 86,6%, respectivamente.

Na comunidade rural afro de Cinzento, município de Planalto (BA), Santos e Cavalcante (2025) encontraram resultados similares. De um total de 141 sentenças com modais de necessidade, *dever* ocorreu 15 vezes e *ter que* 126, o equivalente a 10,6% e 89,4%, respectivamente. Esses três estudos anteriores, somados aos novos resultados de Helvécia, mostram que, em dialetos rurais com perfil étnico, no interior da Bahia, a lexia *ter que* é a principal forma de expressão da necessidade modal.

10 Os inquéritos de Rio de Contas foram realizados em 1992; os de Cinzento, em 2002; e os de Sapé em 2003.

Resultados semelhantes também são encontrados em dialetos urbanos. Analisando a fala carioca da década de 1970, Duarte (2012) encontrou, nos dados do NURC-RJ, 98 dados de *ter que* e apenas 20 de *dever*.

Dados históricos mostram uma situação oposta no século XIX. Augusto (2015) encontra 16 dados de *dever* e 10 de *ter que* em peças cariocas do período de 1845-1846; e 21 dados de *dever* versus 10 de *ter que* no período de 1872 a 1883. Apenas nos dados do século XX é que, no corpus de Augusto (2015), *ter que* passa a ser mais frequente do que *dever*. Já Cavalcante (2023), analisando textos de atas escritas por africanos e por afrodescendentes na cidade de Salvador no século XIX, encontrou 75 dados de *dever* e apenas dois casos de *ter que*.

Nos dois estudos diacrônicos citados, *dever* é mais produtivo do que *ter que*, mas a diferença de produtividade entre os dois verbos é muito maior no corpus de textos de autoria de africanos e afrodescendentes. Isso pode estar mais relacionado ao tipo de gênero textual, atas versus peças de teatro, uma vez que as atas adotam um estilo mais formulaico e fixo, enquanto as peças simulam o discurso falado.

Na Tabela 2, observa-se a distribuição dos dados por tipo de modalidade em Helvécia (BA). O contexto modal mais produtivo, no corpus, foi o dinâmico-circunstancial com 35 das 90 sentenças. A seguir, vem o teleológico, com 25 casos; o deôntico, com 19; e o epistêmico, com 11 dados. A modalidade bulética não apareceu em todo o *corpus*.

Tabela 2: Dados de Helvécia (BA) por tipo de modalidade

Epistêmica	Deôntica	Dinâmica	Teleológica	Bulética	Total
11 12,3%	19 21,1%	35 38,9%	25 27,8%	0 0%	90 100%

Fonte: própria.

É necessário observar, porém, que as ocorrências e o percentual de cada contexto modal, num *corpus*, não são influenciados por propriedades internas do dialeto, mas sim pelas temáticas abordadas ao longo das entrevistas, já que não há uma competição/variação entre os diferentes contextos, pois expressam valores semânticos diversos. No entanto, a importância de apresentá-los é contribuir para a descrição a ser realizada, uma vez que a maior ou menor quantidade de casos disponíveis, para análise, torna a regularidade de uma forma mais ou menos significativa.

Nos seguintes exemplos, em (14) e (15), apresentamos exemplos do uso dos verbos modais no vernáculo da comunidade de Helvécia (BA), considerando os diferentes contextos modais registrados, no *corpus*:

(14) a. Eu acho que Tonho que **deve** sê... O filho dela... (HV-Inq15)
(epistêmico)

b. Não, tá ceto. **Deve** falá a verdade, né, compade? (HV-Inq22)
(deôntico)

(15) a. Aí no ôtro dia ‘cê **tem que** assistir de novo, pa ‘cê vê com’ê que foi o passado, tá veno? (HV-Inq02) (teleológica)

b. Porque, se acaso o senhô qué vim montá algum cavalo brabo, o senhô **tem que** caçá lugá pra ele. (HV-Inq22) (teleológica)

Antes de começarmos uma análise detalhada do comportamento de cada modal, conforme o tipo de modalidade, apresentaremos, na próxima subseção, a distribuição dos modais por faixa etária, a fim de examinar o impacto do *tempo aparente* sobre o fenômeno (cf. Freitag, 2005).

4.2 Modais de necessidade por faixa etária

A diferença de produtividade entre *dever* e *ter que* em Helvécia (e nas demais comunidades) levanta uma questão sobre o status da concorrência entre as duas formas. Trata-se de um processo que se consolidou como uma variação estável ou de uma mudança ainda em progresso, que pode culminar com o desaparecimento de *dever* com valor modal e sua completa substituição por *ter que*?

A Tabela 3, a seguir, revela os resultados dos verbos modais de necessidade em Helvécia (BA), estruturados em três faixas etárias nas quais os informantes do *corpus* do Projeto Vertentes estão divididos.

Tabela 3: Verbos modais de necessidade por faixa etária em Helvécia (BA)

	Faixa 1 (16 a 34 anos)	Faixa 2 (40 a 60 anos)	Faixa 3 (mais de 60 anos)
Dever	2 / 6,2%	3 / 11,1%	10 / 32,3%
Ter que	30 / 93,8%	24 / 88,8%	21 / 67,7%
TOTAL	32 / 100%	27 / 100%	31 / 100%

Fonte: própria.

A variante inovadora, o modal *ter que*, é o mais usado em todas as três faixas etárias. Ainda assim, a faixa em que ele mais ocorre é na mais jovens. De fato, a frequência de *ter que* aumenta progressivamente, partindo de 67,7% na faixa mais velha, para 88,8% na intermediária, até alcançar 93,8% na faixa mais jovem. O modal *dever* faz o percurso oposto, caindo de 32,3% na faixa mais velha, para 11,1% na faixa intermediária e para apenas 6,2% na faixa mais jovem. Os números brutos de *dever* mostram uma queda de dez dados para três e depois para dois, da faixa mais velha para a mais jovem.

Evidentemente, a quantidade de apenas 15 dados de *dever* tem uma grande influência sobre tais valores percentuais, mas é revelador que tais números estejam de acordo com a hipótese, baseada em trabalhos prévios (cf. Duarte, 2012; Augusto, 2015 e outros) de que *ter que* se tornou o principal modal de necessidade do PB, parcialmente substituindo *dever*.

Nas três outras comunidades rurais de perfil afro que fazem parte do corpus do Projeto Vertentes, os resultados quanto à faixa etária não foram tão claros. Em Sapé, de acordo com Gonçalves e Cavalcante (2020), houve quatro dados de *dever* na faixa I e cinco dados na faixa II, mas não houve nenhum dado na faixa III. Em termos percentuais, isso correspondeu a 10,5%, 13,1%

e 0% dos dados dentro de cada faixa etária. Quanto a *ter que*, os resultados foram de 34 dados na faixa I, 33 na faixa II e 27 dados na faixa III, que equivalem a 89,5%, 86,9% e 100%, respectivamente. Tais resultados não mostram um perfil claro de mudança em progresso no dialeto.

Em Rio de Contas, segundo Cavalcante e Gonçalves (2024), houve dez dados de *dever* na faixa I, zero na faixa II e dois dados na faixa III, que correspondem a percentuais de 26,3%, 0% e 9,1%, respectivamente. Quanto a *ter que*, foram 28 dados na faixa I, 30 na faixa II e 20 na faixa III. Em termos percentuais, respectivamente, 73,7%, 100% e 90,1%.

Novamente, não houve um claro perfil de mudança em progresso, embora a concentração da maioria dos dados de *dever* na faixa I possa sugerir que este modal está sendo recuperado no dialeto, depois de ter sido perdido, um fenômeno que pode ser influenciado por escolarização e por aumento de acesso a meios de comunicação.

Também em Cinzento, os resultados apontam mais para variação estável do que para mudança em progresso. Houve, segundo Santos e Cavalcante (2025), seis dados de *dever* na faixa mais velha (13% dos dados), cinco dados na faixa intermediária (9,4%) e quatro dados na faixa mais jovem (9,5%). E ocorreram 40 dados de *ter que* na faixa mais velha (87%), 48 dados na faixa intermediária (90,6%) e 38 dados na faixa mais jovem (90,5%).

Nas próximas seções, analisaremos os modais por tipo de modalidade. A pergunta que buscamos responder é quais verbos modais ocorrem em quais contextos modais? Ou seja, em quais contextos há uma variação entre os auxiliares modais e em quais contexto existe um verbo com uso categórico no dialeto?

4.3 Modalidade epistêmica em Helvécia

Houve poucos dados epistêmicos no corpus. Considerando tanto os verbos de possibilidade quanto os de necessidade, foram apenas 13 casos em Helvécia. O pouco uso de sentenças modais epistêmicas pode ser

devido à disponibilidade de outros recursos linguísticos para formulação de julgamentos epistêmicos, como verbos lexicais (não-auxiliares), como *achar* e *imaginar*.

Considerando apenas os modais de necessidade, houve 11 dados no corpus. Diferentemente do esperado a partir dos resultados gerais mostrados na Tabela 1, todos os 11 dados epistêmicos ocorreram com *dever*, nenhum com *ter que*, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Verbos modais de necessidade com valor epistêmico em Helvécia

Dever	Ter que	Total
11 100%	0 0%	11 100%

Fonte: própria

Em (16), apresentamos exemplos de dados de necessidade epistêmica encontrados na comunidade:

(16) a. Acho que somo... somo... tudo na... Bom, os meu avô, acho que um... **deve** sê filho daqui mesmo porque é... é... é mãe duma mulê, duma senhora qu'eu tenho aqui qu'ê minha tia, agora, ôto, de... de meu pai, eu num sei não. (HV-Inq12) (necessidade epistêmica)

b. Eu, é? Eu **deve** tê aí, rapaz. Eu fui lá: cadê Quete? Quando eu cheguei lá, foi lá, disse: Eu passô quando você foi pra cima. (HV-Inq22)

Esses resultados também se repetiram em Rio de Contas (cf. Cavalcante; Gonçalves, 2024) e em Cinzento (cf. Santos; Cavalcante, 2025), em que ocorreram, respectivamente, oito e dez dados de *dever*, mas nenhum de *ter que*. Apenas em Sapé houve um dado (aparentemente) epistêmico de *ter que*, contra sete de *dever*, mas os próprios autores do estudo consideraram que o dado é ambíguo e poderia ser considerado não-epistêmico (Gonçalves; Cavalcante, 2020).

Em outras pesquisas, como a de Duarte (2012) sobre o PB carioca, também não houve casos de *ter que* epistêmico, assim como em Augusto (2015) e em Cavalcante (2023), com a perspectiva diacrônica.

A ausência de *ter que* epistêmico em tantos estudos é um fato curioso, já que sentenças com *ter que* com valor epistêmico são aceitáveis, como mostrado anteriormente em exemplos como (7) e como também aponta Lunguinho (2010).

Cavalcante e Gonçalves (2024) sugerem que a raridade de dados epistêmicos com *ter que* se deve ao fato de que a certeza sobre a veracidade de uma proposição pode ser expressa a partir de sentenças não-modais, como em (17), sem nenhuma partícula modal específica, que Kratzer (1991) chama de “modalidade inerente”. O uso de *ter que* epistêmico parece ser mais apropriado em contextos contrastivos, em que a dúvida sobre a veracidade da proposição foi levantada e, por isso, a necessidade da veracidade precisa ser explicitamente afirmada, como no contraste em (18).

(17) As chaves estão na cômoda.

(18) A: Já olhei em todos os lugares da cômoda. As chaves não estão lá.

B: Mas elas *têm que* estar na cômoda. Eu coloquei elas lá em cima assim que cheguei e ninguém mais entrou no quarto depois disso.

Com relação às formas flexionais, todas as ocorrências aparecem no presente do indicativo (*deve*), o que é compatível com a hipótese de que as formas do presente estão se especializando para a modalidade epistêmica, enquanto as formas de pretérito estão ligadas a contextos não-epistêmicos (cf. Scarduelli, 2011).

Esses resultados mostram que, se o *dever* modal estiver caindo em desuso, isso não está acontecendo em todos os contextos. Se há um processo de mudança linguística, este não aponta para o desaparecimento do *dever* modal, mas sim para a sua restrição para apenas um subconjunto dos contextos modais.

4.4 Modalidade deôntica em Helvécia

No contexto deôntico, encontramos uma situação bem diferente daquela presente no contexto epistêmico. Houve um total de 26 sentenças com verbos modais em Helvécia, dos quais 19 foram com verbos de necessidade. Desses 19 dados, 15 foram com *ter que* e apenas quatro com *dever*, como mostra a Tabela 5, o que aponta que o contexto deôntico é um dos casos em que *ter que* se expandiu e tomou parte do lugar antes ocupado por *dever*.

Tabela 5: Verbos modais de necessidade em contexto deôntico em Helvécia

Dever	Ter que	Total
4 21%	15 79%	19 100%

Fonte: própria

Os resultados das outras comunidades apontaram diferenças ainda mais significativas entre os dois modais. Em Rio de Contas (cf. Cavalcante; Gonçalves, 2024), todos os 27 dados de necessidade deôntica foram com *ter que*. Em Sapé, houve 37 dados de *ter que* e apenas dois de *dever* (cf. Gonçalves; Cavalcante, 2020). Também em Cinzento, houve apenas dois dados de *dever*, mas 48 de *ter que* (cf. Santos; Cavalcante, 2025).

Para analisar o *dever* na modalidade deôntica, é importante considerar as flexões verbais em que ele aparece, pois, conforme hipótese de Scarduelli (2011), a flexão pode influenciar os contextos em que *dever* ocorre: as formas do presente estariam se especializando para o contexto epistêmico, enquanto as formas de pretérito imperfeito, para os contextos não-epistêmicos.

Essa hipótese recebe uma evidência adicional pelos resultados epistêmicos, apontados na seção anterior, em que todos os casos de verbos modais de necessidade, em Helvécia, ocorreram com a forma presente. Entretanto, ao contrário do esperado (i.e., formas do pretérito imperfeito e

futuro do pretérito para contextos não-epistêmicos), todos os quatro casos de *dever* deôntico em Helvécia também ocorreram no presente do indicativo.

Tal resultado difere do que se observou nas outras comunidades. Tanto em Sapé quanto em Cinzento, todos os casos deônticos eram com formas de pretérito imperfeito. (Em Rio de Contas, não houve dados deônticos de *dever*, como apontado acima.)

Isso sugere que há uma diferença dialetal entre as comunidades rurais baianas de perfil afro. Ao passo que, em algumas delas, há uma especialização de *devia* para o contexto deôntico (seguindo outros dialetos do PB, por hipótese), em Helvécia, tal especialização não ocorre, talvez porque *devia* esteja sendo perdido no dialeto, restando apenas as formas do presente.

Abaixo, algumas sentenças dos dados deônticos em Helvécia:

(19) a. isso **tinha que** fazê o acabamento... (HV-Inq02)

b. É, então. É mesma coisa. Nosso pai lá, e eu tomém. Senhô **deve** de ‘bedecê do mesmo jêto. (HV-Inq22)

A seguir, abordaremos os resultados relativos à modalidade dinâmica.

4.5 Modalidade dinâmica em Helvécia

Houve um total de 113 sentenças com verbos modais dinâmicos no corpus de Helvécia, dos quais apenas 35 continham modais de necessidade. Todos os casos de modalidade dinâmica com valor de necessidade ocorreram com *ter que*, como mostra a Tabela 6. Não houve dados com *dever*, o que está de acordo com a hipótese de que *ter que* tomou o espaço de *dever* como principal modal de necessidade.

Tabela 6: Verbos modais de necessidade em contexto dinâmico em Helvécia

Dever	Ter que	Total
0	35	35
0%	100,0%	100%

Fonte: própria

De fato, consideramos que usar *dever* em contextos dinâmicos é muito menos natural. Frases como (20), por exemplo, soam mais como epistêmicas ou deônticas do que como dinâmicas.

(20) Eu **devo** ir ao banheiro / descansar / fazer exercícios.

Resultados proporcionalmente idênticos aos da Tabela 6 foram encontrados em Sapé (cf. Gonçalves; Cavalcante, 2020) e em Cinzento (cf. Santos; Cavalcante, 2025). Em ambas as localidades, houve 23 dados de necessidade dinâmica, todos com a lexia modal *ter que* e nenhuma ocorrência dinâmica de *dever*.

Em Rio de Contas (cf. Cavalcante; Gonçalves, 2024), houve dois dados de *dever* dinâmico e 37 dados de *ter que*. Apesar de a frequência de *dever* dinâmico não ter sido 0% nessa comunidade, como nas demais, o resultado ainda confirma que *ter que* é a variante amplamente utilizada para veicular a necessidade dinâmica.

Quanto às flexões dos verbos em Helvécia, dos 35 casos de *ter que*, 32 estão no presente do indicativo (*tem que*), duas aparecem no pretérito imperfeito do indicativo (*tinha que*) e uma no pretérito perfeito do indicativo (*tiver que*).

Em (21), estão expressas algumas sentenças dinâmicas no *corpus* de Helvécia:

(21) a. Como... se **tinha que** conversá com dotô Dijalma, nós voltava.
Pegá lá no trem, tinha que... pagava armoço prá mim mais ele, e voltava...
(HV-Inq12)

b. Não, ININT! Vô ficá com raiva como, se ele vai no lugá qu'ele qué... né? Então, eu **tenho que** descê dele, então, eu num queria descê, ele disparô comigo. Disparô ININT...ININT...campava lá em cima da cerca, é verdade... (HV-Inq2)

c. INF(22): Mas, se eu guardá opotunidade, gaças a Deus, eu tava salvo agora. **Tinha que** i(r) pa Rio, eu sai daqui... daqui hoje, vô em Texêra, 'cê é dotô. Quando cheganô lá, o senhô num faz uma reparo na minha vista pa sabê que é que é craco, ainda mai vê eu tô cego. (HV-Inq22)

Abaixo, falaremos dos dados relativos ao contexto teleológico.

4.6 Modalidade teleológica no *corpus*

A modalidade teleológica ocorreu em 25 sentenças no *corpus* de Helvécia, todas expressando necessidade modal. E todos esses 25 casos foram com a lexia *ter que*. Não houve dados teleológicos com *dever*.

Os resultados das demais comunidades foram semelhantes. Em Sapé, todos os 20 dados de necessidade modal foram com *ter que* (cf. Gonçalves; Cavalcante, 2020), 100% dos casos, como em Helvécia, sugerindo uma incompatibilidade de *dever* com o contexto teleológico nos dois dialetos.

Em Cinzento e em Rio de Contas, por outro lado, ocorreram dados teleológicos de *dever*. Em Cinzento, foram três dados de *dever* e 30 dados de *ter que* (cf. Cavalcante; Gonçalves, 2024). Em Rio de Contas, houve apenas um dado de *dever* versus 40 de *ter que* (cf. Santos; Cavalcante, 2025). Os resultados dessas outras comunidades confirmam como o contexto teleológico é outro dos contextos não-epistêmicos em que há uma limitação à produtividade de *dever*.

Em Helvécia, com relação à flexão verbal, dos 25 dados de *ter que*, dois aparecem no infinitivo (*ter que*), 22 no presente do indicativo (*tem que*) e um no pretérito imperfeito do indicativo (*tinha que*).

Em (22), abaixo, seguem alguns exemplos das sentenças teleológicas do *corpus* de Helvécia:

- (22) a. É, meus pai, nós... nós **tinha que** peitá a cana e botá uns cabo de... cabo de capim-da-Lapa... foia de capim-da-Lapa verde pa... pa bebê.
(HV-Inq12)
- b. Aí no ôtro dia ‘cê **tem que** assistir de novo, pa ‘cê vê com’ê que foi o passado, tá veno?... (HV-Inq02)

Na próxima seção, comentaremos a respeito da modalidade bulética.

4.7 Modalidade bulética no *corpus*

Não foram encontrados dados de modalidade bulética no corpus de Helvécia. O mesmo aconteceu no corpus de Sapé (cf. Gonçalves; Cavalcante, 2020) e de Rio de Contas (cf. Cavalcante; Gonçalves, 2024). Em Rio de Contas, porém, houve um dado de *ter que* bulético (cf. Santos; Cavalcante, 2025).

A ausência de dados desse tipo de modalidade pode ser resultado dos tipos de temas discutidos ao longo da entrevista. Além disso, é possível que proposições potencialmente buléticas (baseadas em desejos do falante ou sujeito) tenham sido expressas a partir de verbos não-auxiliares (como os verbos lexicais *querer*, *desejar*) ou tenham sido expressas em termos deônticos (ou seja, como “o mais correto seria isso” ao invés de “o meu desejo seria isso”).

5 Conclusões

Os resultados da distribuição dos verbos auxiliares modais de necessidade, *dever* e *ter que*, no corpus de Helvécia, podem ser resumidos no Quadro 1 abaixo. O verbo *dever* foi registrado em apenas dois contextos modais, o contexto epistêmico e o deôntico. Ainda assim, o uso no contexto deôntico é bastante reduzido em relação a *ter que*, com somente quatro dentre os 19 dados identificados. Isto está de acordo com a hipótese de que *dever*

foi praticamente substituído por *ter que* como modal de necessidade nos contextos não-epistêmicos.

Quadro 1: Verbos de necessidade modal no dialeto de Helvécia

Modal de necessidade	Tipo de modalidade				
	Epistêmica	Deôntica	Dinâmica	Teleológica	Bulética
Dever	Sim	Sim (<i>porém raro</i>)	—	—	—
Ter que	—	Sim	Sim	Sim	—

Fonte: própria.

O contexto epistêmico é o único em que *dever* é mais produtivo do que *ter que*, o que pode estar relacionado com o fato de que é o único contexto em que *dever* e *ter que* praticamente nunca têm o mesmo significado, já que *dever* expressa uma noção de probabilidade, não de certeza, neste contexto.

Por outro lado, os resultados não corroboram a hipótese de que, no dialeto, as formas de pretérito imperfeito (e de futuro do pretérito) do verbo *dever* se especializaram para os usos não-epistêmicos, enquanto as formas de presente se especializaram para os usos epistêmicos. Tanto nos dados epistêmicos quanto nos deônticos, *dever* ocorreu sempre no presente do indicativo. Isso pode ser resultado de uma perda das formas pretéritas *devia* e *deveria*, com valor modal, no dialeto.

Quanto a *ter que*, excluído o contexto bulético, que não ocorreu para nenhum dos modais no corpus, este modal está ausente apenas no contexto epistêmico, mas é a forma (muito) mais produtiva no contexto deôntico e é a única forma documentada nos usos dinâmicos e teleológicos.

Isto está de acordo com a hipótese sobre *ter que* ter substituído *dever* como o principal auxiliar de modal do PB. Também está de acordo com a generalização, encontrada na literatura funcionalista, sobre a gramaticalização dos modais, segundo a qual os modais de possibilidade começaram expressando habilidade, depois se expandindo para usos para

indicar permissão, para, apenas num último estágio da gramaticalização, desenvolverem usos de epistêmicos (cf. de Haan, 2006; Traugott, 2006).

Embora seja uma generalização sobre verbos de possibilidade, os nossos dados de necessidade com *ter que* parecem se comportar dessa forma, uma vez que *ter que* ocorre em 100% dos dados dinâmicos; é a forma deôntica mais frequente, mas ainda varia com *dever* nesse contexto; mas não aparece no contexto epistêmico.

Os próximos passos da investigação são a ampliação da pesquisa a partir de dois eixos:

- (i) Ampliar a análise do dialeto de Helvécia, pelo levantamento e descrição de dados de outras entrevistas sociolinguísticas realizadas na comunidade. Isso pode fornecer dados que confirmem ou refutem as generalizações aqui apontadas ou, ainda, podem apontar uma reversão das tendências documentadas.
- (ii) Descrever dados de modalidade de outras localidades baianas (rurais e urbanas) que fazem parte do corpus do Projeto Vertentes.

Referências

AUGUSTO, Evelin Azambuja. *A expressão da modalidade em peças cariocas: uma análise diacrônica*. 2015. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAVALCANTE, Rerisson. Auxiliares modais em textos de afro-brasileiros em Salvador (BA) no século XIX. Trabalho apresentado no *I Seminário de Variação e Mudança Linguística – SVM*, 19 e 20 de setembro de 2023, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

CAVALCANTE, Rerisson; GONÇALVES, Maciele. Verbos modais em Rio de Contas (BA). *A Cor das Letras*, v. 24, n. 2, p. 261-291, 2024. Disponível em <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/10094>. Acesso em 25 de maio de 2025.

DONINELLI, Christian. *Helvécia, um vilarejo “suíço” da cor do café*. Swissinfo, 09 jan. 2017. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/por/sociedade/imigração-helvética-no-brasil_helvécia-um-vilarejo-suíço-da-cor-do-café/42550340 . Acesso em 14 de junho de 2025.

DUARTE, Eugenia. A expressão da modalidade deôntica e epistêmica na fala e na escrita e o padrão SV. *Revista do GELNE*, n. especial, 77-94, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9365>.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.

von FINTEL, Kai. Modality and language. In: BORCHERT, Donald M. (ed.), *Encyclopedia of philosophy*. 2 ed. Detroit: MacMillan, 2006. v. 10, p. 20-27.

FREITAG, Raquel. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Linguas e Letras*, [S. L], v. 6, n. 11, p. 105-121, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875>. Acesso em 25 de maio de 2025.

de HAAN, Ferdinand. Typological approaches to modality. In: FRAWLEY, William. *The Expression of Modality*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 27-69.

GONCALVES, Maciele; CAVALCANTE, Rerisson. Verbos modais na comunidade de Sapé (BA). *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 67, jul-dez de 2020, p. 271-296, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/39172>. Acesso em 25 de maio de 2025.

KRATZER, Angelica. The notional category of modality. In: EIKMEYER, Hans-Jürgen; RIESER, Hannes. (org.) *Words, Worlds, and Contexts: New Approaches in Word Semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1981. p. 38-74.

KRATZER, Angelica. What ‘must’ and ‘can’ must and can mean. *Linguistics and Philosophy*, v. 1, n. 1, p 337–55, 1977.

KRATZER, Angelika. Modality. In: STECHOW, Arnim von; WUNDERLICH, Dieter. (org.). *Handbuch Semantik/Handbook Semantics*. Berlin, New York: Gruyter, 1991. p. 639-650.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge; FIGUEIREDO, Cristiana. *O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas*. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. P. 75-100.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. Sobre a concordância modal em português. *Cadernos de Sociedade e Linguagem*, v. 11, n. 2, p. 117-140, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/10474>. Acesso em 25 de maio de 2025.

PALMER, Robert F. *Mood and Modality*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PESSOTTO, Ana Lucia. Epistemic and gradable modality in Brazilian Portuguese: a comparative analysis of ‘poder’, ‘dever’ and ‘ter que’. *ReVEL*, edição especial 8, 2014. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=418&lang=pt>. Acesso em 25 de maio de 2025.

PORTNER, Paul. *Modality*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SANTOS, Ana Beatriz; CAVALCANTE, Rerisson. Os auxiliares modais na fala vernácula dos cidadãos de Cinzento, Bahia. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; SANTIAGO, Huda da Silva; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; FIGUEIREDO, Cristina; LUDWIG-GAYER, Juliana Escalier. *Linguística na teoria e na prática: variação, cognição e história*. Campinas (SP): Pontes, 2025. p. 630-650.

SCARDUELLI, Jaqueline. *‘Deve’ e ‘Devia’: os limites da significação*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Santa Catarina, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Historical aspects of modality. In: FRAWLEY, William. *The Expression of Modality*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 107-139.